

# Produção de alimentos x produção de biocombustíveis e o exemplo da crise atual do arroz

Por Maria Thereza Pedroso<sup>1</sup>

Em 30 de abril de 2008

Corrigida a gramática em 8 de maio de 2008

O biocombustível brasileiro é apontado injustamente como o responsável pelo aumento do preço dos alimentos. Há várias causas para esse aumento. Segundo a Ministra Dilma Roussef, a participação do biocombustível na matriz energética ainda é muita pequena; o petróleo, por sua vez, colabora para o aumento do preço dos alimentos porque está intimamente ligado ao preço dos fertilizantes e do transporte. Outras causas são o desvio de milhões de toneladas de milho (base da alimentação em grande parte do continente americano) para a produção de biocombustível; as mudanças climáticas e o aumento mundial do consumo de alimentos a partir do crescimento econômico do Brasil, da Rússia, da Índia e da China.

No dia 28 de abril de 2008, o jornal inglês “The Financial Times” ressaltou que o Brasil é uma solução óbvia para a alta global dos preços, pois possui uma grande reserva de terras agricultáveis subutilizadas pela pecuária extensiva. No dia 29 de abril de 2008, o jornal “O Globo” apresentou matéria afirmando que o relator para o Direito à Alimentação da Organização das Nações Unidas, Jean Ziegler, enviou carta ao Itamaraty dizendo que não criticou o Brasil em relação ao Programa de Biocombustíveis. Nessa carta, afirma que ficou particularmente impressionado com os programas sociais elaborados pela Petrobrás, para ajudar os pequenos produtores que cultivam mamona e outros frutos de baixo valor de mercado e o incentivo, dado pelo presidente Lula, aos países pobres para produzir biocombustível. Ressaltou também que o Brasil extrai essencialmente o açúcar da cana-de-açúcar, e não de outros alimentos básicos (como a beterraba, produzida pelos agricultores da União Européia), e que sua preocupação maior é com a produção de biocombustível a partir do milho (o que vem ocorrendo nos Estados Unidos da América).

O caso recente do aumento de preço do arroz e a possibilidade de escassez desse produto é um exemplo interessante a ser estudado. Segundo Dr. Silvio Farnese, da Coordenação-Geral de Cereais e Culturas Anuais do Ministério da Agricultura, desde a safra 99/00, o Brasil produziu uma média anual de 11,6 milhões de toneladas de arroz por ano. Mas consumiu, em média, 13 milhões de toneladas. Além da China e da Índia, o Brasil é o único país ocidental que consome acima de 10 milhões de toneladas desse produto. Para abastecer o mercado interno e fazer reserva estratégica, importa em média 1 milhão de toneladas ao ano de arroz da Argentina e do Uruguai. O restante vem da

---

<sup>1</sup> Assessora Técnica da Bancada do PT na Câmara dos Deputados.

Tailândia, dos Estados Unidos da América, do Paraguai e do Vietnã para complementar o consumo interno e fazer estoque.

A China e a Índia têm o arroz na base de sua alimentação e possuem juntos, aproximadamente 30% da população mundial. Esses dois países cresceram muito nos últimos anos. E, como disse o presidente do Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar), Dr. Sérgio Maluf, “pobre com mais dinheiro significa mais comida na mesa”.<sup>2</sup> Da mesma forma que houve aumento do consumo do arroz, houve aumento do consumo de outros grãos. Tal fato acarretou alta de todas as commodities nos mercados internacionais. Somam-se a isso, a desvalorização do dólar, o aumento do preço do petróleo, o aumento do preço do milho, da soja e do trigo (que forçou o consumo de arroz ) e tem-se a equação que provocou a alta de mais de 100% no preço mundial do arroz em 2008.

Como conseqüência dessa mudança internacional no mercado de arroz, os dois países que exportavam esse produto para o Brasil, preferiram vender para o mercado internacional. Ou seja, a Argentina e o Uruguai, que exportavam 1 milhão de toneladas, passaram a exportar menos da metade dessa quantidade para o Brasil. Com o objetivo de ampliar a oferta interna e amortizar um pouco esta forte alta de preço, no dia 30 de abril o Governo ofertará o primeiro leilão dos estoques públicos do produto. Novos leilões poderão ocorrer ao longo deste ano.

O fato é que a situação é muito mais grave do que apenas o aumento do preço do arroz. Segundo Franz Fischler, ex-comissário de Agricultura da União Européia<sup>3</sup>, em junho, o mundo terá o menor estoque de alimentos dos últimos 30 anos e os estoques terão a capacidade para alimentar o mundo por apenas 37 dias. Essa situação colaborou para a especulação no comércio de alimentos. “Se levarmos em consideração que a população mundial aumenta a cada ano em 80 milhões de pessoas – o que equivale à população da Alemanha - e que teremos nos próximos anos uma migração intensa do campo para a cidade, há motivo para pessimismo. ”

Hoje, causas e conseqüências das oscilações de produção, armazenagem, oferta e procura de produtos alimentares, têm proporções globais atingindo as pessoas mais vulneráveis. A ONU estima que 100 milhões de pessoas já foram atingidas pela recente escalada no preço dos alimentos em todo o mundo<sup>4</sup>. Consumidores na Europa estão percebendo o aumento assustador dos preços nas gôndolas dos supermercados. No Brasil, o aumento dos preços dos alimentos também está afetando a economia doméstica (principalmente das classes de baixa renda), reduzindo a folga orçamentária para aquisição de bens duráveis e quitação de financiamentos contraídos nos últimos anos<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Citação feita no Jornal o Globo de 29 de abril de 08.

<sup>3</sup> Em entrevista ao Jornal O GLOBO, de 27 de abril de 08.

<sup>4</sup> Segundo matéria veiculada na BBC Brasil.

<sup>5</sup> Segundo matéria do jornal “O Globo” de 27 de abril de 08.

O secretário-geral da ONU afirmou que o mundo enfrenta o risco de fome generalizada, problemas relacionados à má nutrição e distúrbios sociais. Em função disso, anunciou, em 29 de abril de 2008, o estabelecimento de uma força-tarefa das agências das Nações Unidas para apresentar soluções coordenadas para a crise provocada pelo forte aumento dos preços dos alimentos no mercado internacional. A força-tarefa estudará tanto medidas de emergência como de longo prazo para combater a crise causada pela alta acentuada no preço de alimentos<sup>6</sup>.

De imediato, alguns países asiáticos suspenderam suas exportações de arroz para garantir o suprimento da demanda interna. O governo filipino deve lançar o "cartão do arroz" para possibilitar que famílias pobres comprem o produto pela metade do preço do mercado. A Malásia divulgou que vai subsidiar produtores domésticos para garantir que o arroz seja vendido por um preço acessível. Além disso, como foi dito anteriormente, o Brasil vai leiloar parte de seu estoque de arroz.

Conclui-se que a tese de que a produção de biocombustível no Brasil afeta a produção de alimentos não passa de um mito. E que o grande desafio contemporâneo é garantir segurança alimentar em termos de quantidade e qualidade com as menores possíveis externalidades negativas (por exemplo: aumento do aquecimento global, erosão da biodiversidade e dos solos e concentração de renda.)

Portanto, o Brasil deve:

- 1) debater internacionalmente a redução do protecionismo à produção agrícola nos países ricos;
- 2) continuar a incentivar a produção agrícola brasileira, por meio de programas de irrigação, fortalecimento da assistência técnica oficial, financiamento agrícola e pesquisa agropecuária;
- 3) incentivar a pecuária intensiva (com o objetivo de disponibilizar mais terras para a produção de alimentos vegetais)
- 4) intensificar a desapropriação de terras improdutivas;
- 5) manter os estoques estratégicos de grãos;
- 6) ampliar o programa de biocombustível; e
- 7) intensificar suas relações de comércio internacional de produtos agropecuários.

---

<sup>6</sup> Segundo a BBC Brasil (29 de abril de 2008).